

Amor pluriúsculo no tribunal ôntico

Amor pluriúsculo no tribunal ôntico – Eider Madeiros

Biografia do autor: Mestrando em Letras, área de Literatura, sob a linha de Poéticas da Subjetividade, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desenvolve estudos seminais em áreas interdisciplinares e é entusiasta das artes e da criatividade.

Resumo do texto: Como se daria a divagação sobre o amor a partir da coisa? Coisa enquanto exterioridade que busca por si mesma se distanciar e se privar daquilo que lhe aflige? E quando o que aflige é já o sintoma de amor? Este trabalho se orienta a partir destas reflexões para contar de maneira breve como um olhar diante do amor corre riscos de se pulverizar em ambivalências.

Que é isto? Perguntou exasperada a coisa a si mesma, sem reconhecer suas entranhas infectadas por um espírito que já a constituía, que já tomava de assalto seus sentidos de não-sentir até então sentidos apenas no que não se sente. A inanimada ao menos assentiu partir ao monólogo, desanimada por desconhecer aquela intrusa anima, aquele dito amor...

O amor deve ser vírus. Patógeno. Invasão que engana anticorpos em sua proliferação atraente, travestida em um capsídeo irresistível. Envelopa a natureza de tudo em sua perpetuação objetiva e voraz. Sai lambendo e causando arrepios.

O amor deve ser conforto ontológico. Ou Deus. Ou o Outro. Ou ser o Deus do Outro. Por nossa limitação temporal como seres humanos, temer a solidão é estimado. Daí, vive-se compartilhadamente com este Outro que sempre esteve ali, mas que não percebemos até que seja o ideal, enquanto a vida é viva. E quando deixar de ser viva, que o Deus, também Outro, nos prometa vida eterna e mais “amor” em seus teologúmenos.

O amor deve ser buraco negro, em roteiro edípico. No lugar de um falo, de um seio, de um objetinho-inho a , de uma falta presente negativa, inúmeros vazios ausentes positivos. Vazios antimatéria, buracos de minhoca, metafísica morta que se autoconsome desde o primevo berro seguido de acalanto. Deve ser, por justaposição, querer encontrar em outrem aquilo que em mim falta. Ora, reflexo do empuxo do todo universal em nossas partículas big-banguianas. Entre o Superaglomerado Hidra-Centauro e o furo sugado donde brota a primeira gota de leite, deve ser criar ou alucinar expectativas diante de uma projeção, de ter e dar a seiva de um seio materno, de ter asas de galinha cobrindo suas crias das ameaças, para si e para este justaposto, este alienígena. Esta projeção propicia o sentido de proteção diante deste outrem. Este outrem se apropria de objeto de cuidado, ou objeto de ciúmes, ou objeto de posse, ou objeto. Aí como objeto concreto, se enche de matéria, de partículas, de densidade atômica, até que explode, fundindo dois em um só buraco negro. Ou fazendo com que um seja consumido, partícula por partícula, em uma dança, pelo outro.

O amor deve ser desoneração fisiológica. Simples. Em parte. Pelo menos. Simples: por ser dor, prazer, paixão, torrente de sentimentos e fluidos que transfiguram alterações neuroquímicas causadoras de urros e murros. Em parte: pois sua própria compreensão carnal é baseada no experimento que anula qualquer observação crítica – em *cogito*: trepo, tão logo não raciocino. Pelo menos: porque somos mais que meros urradores sexuais e/ou esmurradores sentimentais.

O amor deve ser construto alienante do imaginário social. Quem não pensou nele como em um conto de fadas? Quem nunca pensou na prática do viver feliz para sempre? Quem não se moldou, emperiquitou, perfumou, seguiu a cartilha do ‘Como ter sucesso em seu primeiro encontro’, após jantares, após carícias, após passeios, após hesitações, após querelas românticas? Quem não, pelo menos em pensamento, se cadastrou em sites de ‘relacionamento’ à espera

que um algoritmo salvasse sua vida da solidão? Quem nunca se viu potencial mercadoria de primeiríssima qualidade no mercado dos 'bons partidos' jurando que um dote em breve seria negociado?

O amor deve ser tragédia presumida. Como no anúncio de uma guerra. Como na antagônica agonia possuída por ironias de Shakespeare. Do ódio entre famílias, nascê-lo-ei. Este tal "amor". Presumindo morte, veneno, dor e ingenuidade. Fazendo-se jogo *awywinehousiano*. Jogo de azar, em que se aposta muito, mas só com muita sorte se ganha recompensa. E caso não haja tal recompensa, que se perca algo em nome dele, para que o jogo tenha continuidade. E se perde, perde, perde, perde, repetidamente. Pois se não houver esta consciência altruísta do perder, deixa de ser presumida, deixa de ser drama, deixa de ser tragédia, deixa de ser.

O amor deve ser obra do acaso. Afinal, tantas pessoas. Tantos universos paralelamente infinitos. Tantos experimentos feitos à revelia, sem compromisso, sem causa. Tanta coisa. Tanta linguagem. E no meio de tanto, só uma mais uma, igual a duas pessoas, como dois mais dois dão cinco vezes nove fora tudo. D-u-a-s pessoas, como 'dê', 'ú', 'á' e 'ésse' resultam quatro letras para falar de um par de muitos.

O amor deve ser o equilíbrio. Meio que o limiar, o patamar, o indivisível, o freio do Apocalipse. Deve sustentar invisivelmente o mundo coletivo ao tempo que fornece, desafia e limita a persona de cada um em cada um. O humano visceral, demasiadamente humano, instintivo, dentes e polegar opositor, mora no outro lado do espelho de um gênio domado, domável e hiperracionalmente moderno.

O amor deve ser nulo. Não nada, pois o nada pode ser tudo. Mas nulo. Inexiste por ele mesmo. Entremeado de significados é impossível tomar o termo, ou o puro afora o termo, em algo real. Pelo sim, pelo não, na incerteza da realidade de cada um e de tudo o que existe, ele surge como algo, mesmo irreal, que nos caracteriza como estes seres complexos que somos, viemos a ser ou seremos, refazendo constantemente nossa dependência dele. E como um risco constante, naquela incerteza, cabe escolher ou ter coragem de fazer do amor, verbo. Tão constante quanto à arriscada, e que demanda muita coragem e caráter, tarefa de viver.

O amor deve ser a própria coisa. Ah!

Sem resposta, a inanimada rasga suas entranhas e lança algo como um braço a tatear-se em busca de reconhecer-se. Se se sentiu, já se sentiu amada pela surpresa e odiada por não ter deixado se surpreender antes. Se já fora isto, agora já era maiusculamente mais que a si mesma, mesmo que nunca tivesse estado minúscula. Era plural, era animada, pois já era... já sentia. E passado um tempo, quando viu que tinha boca... calou-se satisfeita.